



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

O professor de História no combate ao racismo estrutural: mapeando desafios e possibilidades

Gustavo Estrela Almeida¹; Rafael Monteiro de Oliveira Cintra²

1. Gustavo Estrela Almeida, PVIC/UEFS, HISTÓRIA, e-mail: almeidaestrelagustavo@gmail.com

2. Rafael Monteiro de Oliveira Cintra, DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, e-mail: rmocintra@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE:

INTRODUÇÃO

O ensino de História é um campo estratégico para a construção de consciências críticas e para o enfrentamento de problemas sociais que atravessam a realidade brasileira, como o racismo estrutural. Muito além de transmitir narrativas sobre o passado, a História escolar pode atuar como ferramenta de questionamento das estruturas de dominação que persistem no presente. De acordo com François Dosse (2012), a história do tempo presente evidencia como os “passados que não passam” continuam a organizar formas de vida e relações sociais. Nesse sentido, compreender o racismo estrutural implica revisitar o passado escravocrata e colonial do Brasil e perceber como ele ainda estrutura desigualdades atuais.

Angela Davis (2016) ressalta a necessidade de incluir a história das populações negras nos currículos escolares, pois a ausência dessas vozes reforça a marginalização e a reprodução de violências. Para a autora, a educação deve servir como espaço de conscientização e emancipação, capacitando os sujeitos para lutar por um futuro mais justo. Em diálogo, Silvio Almeida (2019) define o racismo estrutural como um fenômeno que vai além de atitudes individuais, estando enraizado nas instituições e práticas sociais.

No ensino de História, o professor assume um papel central nesse processo. É ele quem, por meio de suas escolhas metodológicas e narrativas, pode provocar deslocamentos nos modos de ver e de sentir a história, abrindo espaço para experiências de reconhecimento. Jacques Rancière (2020) descreve esse processo como a criação de uma “cena”, um espaço pedagógico em que diferentes sujeitos podem agir e produzir significados de forma não hierárquica.

Assim, o presente trabalho teve como objetivo mapear desafios e possibilidades do professor de História no combate ao racismo estrutural, a partir da observação de práticas docentes no ensino básico. A pesquisa buscou descrever como a temática racial aparece no cotidiano escolar e analisar as potencialidades do ensino de História para a construção de uma educação antirracista.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A pesquisa foi desenvolvida sob a perspectiva da abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (1994), permite compreender realidades sociais em sua complexidade, considerando múltiplos contextos. Como referencial metodológico, utilizou-se a cartografia, entendida como prática de acompanhamento dos processos de produção de saberes e significados. Essa escolha possibilitou captar os movimentos e tensões que atravessam a prática docente em sala de aula.

Foram mobilizados também os saberes docentes (Tardif, 2017), entendidos como múltiplos, dinâmicos e situados, articulando conhecimentos disciplinares, pedagógicos, culturais e práticos. Essa perspectiva contribuiu para reconhecer que o professor não é apenas transmissor de conteúdos, mas um produtor de saberes no cotidiano escolar. Como categoria de análise, utilizou-se a noção de “cena” (Rancière, 2020; Voigt, 2019), compreendida como espaço de deslocamento, no qual os sujeitos podem romper com as posições que lhes foram historicamente impostas. Aplicada ao campo educacional, essa categoria possibilitou identificar momentos em que as práticas docentes criaram fissuras nas narrativas tradicionais sobre a história.

Os instrumentos inicialmente previstos incluíam entrevistas com professores e observações em sala. Contudo, devido a limitações no processo de execução, as entrevistas não foram realizadas. A pesquisa concentrou-se, portanto, nas observações não participantes de aulas de História em uma escola estadual de Feira de Santana – BA, registradas anotações pessoais do pesquisador. Paralelamente, foi realizada uma revisão bibliográfica para fundamentar teoricamente a análise.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

As observações evidenciaram que o tratamento das questões raciais em sala de aula apresenta avanços importantes, mas também encontra obstáculos significativos. Em primeiro lugar, identificou-se a presença de cenas de deslocamento, quando o professor observado trouxe para a discussão o protagonismo da população negra em processos históricos, como a resistência nos quilombos ou a luta pela abolição. Nesses momentos, os alunos puderam reconhecer a importância de personagens e coletividades

historicamente invisibilizadas. Tais práticas se aproximam da proposta de Angela Davis (2016), que defende a valorização da experiência negra como central na luta contra o racismo.

Por outro lado, observou-se que a falta de materiais pedagógicos específicos dificulta a consolidação de uma abordagem antirracista. Muitas vezes, o professor precisa improvisar, recorrendo apenas ao livro didático, que ainda apresenta lacunas significativas na representação das populações negras. Outro desafio constatado foi a resistência discente, marcada por influências externas, como discursos midiáticos ou religiosos, que desqualificam saberes afro-brasileiros e africanos. Essa resistência revela as disputas simbólicas presentes no espaço escolar e reforça a análise de Silvio Almeida (2019) sobre a pervasividade do racismo estrutural.

Apesar desses limites, as práticas observadas mostraram que o professor de História pode atuar como agente de transformação ao problematizar discursos hegemônicos e estimular reflexões críticas. A cada aula em que a questão racial foi mobilizada, ainda que de forma breve, abriam-se possibilidades de deslocamento, contribuindo para a formação de uma consciência histórica crítica. Assim, a pesquisa indica que o ensino de História, quando orientado por uma perspectiva antirracista, pode contribuir não apenas para o conhecimento acadêmico dos alunos, mas também para sua formação cidadã, criando condições para enfrentar o racismo em suas múltiplas dimensões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A investigação permitiu constatar que o professor de História ocupa um papel central na desconstrução do racismo estrutural, mas enfrenta múltiplos desafios: carência de materiais didáticos específicos, limitações curriculares, disputas ideológicas e resistências no espaço escolar. Ao mesmo tempo, revelou-se que práticas docentes comprometidas com a valorização das vozes historicamente silenciadas criam oportunidades para promover debates críticos e construir uma educação antirracista.

Conclui-se que o enfrentamento do racismo estrutural na escola não depende apenas de ações individuais, mas exige políticas educacionais de apoio, produção de materiais adequados e formação continuada dos professores. Ainda assim, a experiência observada reforça a ideia de que a sala de aula é um espaço privilegiado de resistência, onde é possível tensionar narrativas dominantes e afirmar outras formas de existir e de narrar a história.

A pesquisa, portanto, contribui para o campo da educação ao mapear práticas docentes que, mesmo diante de obstáculos, indicam caminhos para a construção de uma escola mais justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.
- CAIMI, Flávia. Por que os alunos (não) aprendem História? Tempo, v. 11, p. 17-32, 2006.
- CUBAS, Caroline. Por uma história que corte feito estilete. Revista História Hoje, v. 11, n. 22, 2022.
- DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. Revista Tempo e Argumento, v. 4, n. 1, 2012.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. Ciência & Saúde Coletiva, v. 17, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. São Paulo: Editora 34, 2020.
- TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2017.
- VOIGT, André. O conceito de “cena” na obra de Jacques Rancière. Kriterion, v. 60, n. 142, p. 23-41, 2019.